

## MARECHAL GREGÓRIO TAUMATURGO DE AZEVEDO

NASCIDO no Piauí, em Barras do Marataoã a 17 de novembro de 1853, ali mesmo seus pais, MANUEL DE AZEVEDO MOREIRA DE CARVALHO e D. ANGÉLICA FLORINDA MOREIRA DE CARVALHO, procuraram dar-lhe os primeiros ensinamentos. O marasmo da cidadezinha onde nascera não permitia ao jovem maiores vôos. Estávamos em plena guerra contra o Paraguai e o adolescente, com quinze anos incompletos, a 31 de março de 1868, assentava praça de 2.º cadete com destino ao 1.º Regimento de Cavalaria do Rio de Janeiro, ingressando em 1870 na Escola Militar, para concluir os preparatórios, no ano seguinte, e matricular-se no curso superior em 1872. Terminando, com galhardia, o curso das três armas, foi promovido a alferes-aluno a 10 de janeiro de 1874, a 2.º tenente a 31 de maio de 1875 e a 1.º tenente a 13 de julho de 1876. Em 1877, terminou o curso de engenharia militar e no ano seguinte recebia o diploma de bacharel em Matemática e Ciências Físicas, sendo transferido para o estado-maior de 1.ª classe.

Havia já então adquirido sólida cultura e estava armado para prestar serviços assinalados ao país daí por diante.

Em 1879, era nomeado secretário da Comissão de Limites do Brasil com a Venezuela. Ia internar-se no sententrião brasileiro e iniciar a sua longa carreira de geógrafo ativo. Antes de seguir para a Amazônia longínqua, teve, porém, a ventura de ver-se promovido a capitão-engenheiro. A Comissão era chefiada pelo barão DE PARIMA, e o coronel de engenheiros FRANCISCO XAVIER LOPES DE ARAÚJO, que já havia, anteriormente, chefiado a Comissão de Limites com as Guianas. Durante quatro anos, de 1879 a 1883, esteve TAUMATURGO DE AZEVEDO no Norte do país, "palmilhando léguas e léguas de caminhos invios, defrontando-se com indígenas e passando dias e dias dentro d'água, ora atravessando igarapés, ora fazendo levantamentos de rios".<sup>1</sup>

Em 1884 apresentou o relatório de seus trabalhos e foi condecorado pelo governo imperial e pelo da Venezuela.

Depois de ligeira passagem pelo Arquivo Militar, já a 30 de outubro de 1884 era nomeado comandante geral das Fronteiras do Norte e inspetor das fortificações, cargo até então exercido por oficiais gerais e superiores, partindo para o Amazonas, novamente. De suas novas atividades destaca-se o estudo sobre a fronteira de Tabatinga — encarecendo a necessidade de guarnecê-la e de se criar ali uma colônia militar.

Tendo-se filiado ao partido liberal, em Manaus, viu-se perseguido e foi transferido para Pernambuco, em 1886, como diretor das Obras Militares, em cuja função foi elevado a major, em 1888. Aproveitando a sua permanência em Recife, matriculou-se na Academia de Direito dali, recebendo o grau de bacharel em ciências sociais e jurídicas, a 19 de novembro de 1889, com distinção.

Fôra proclamada a República e, alguns dias depois, era TAUMATURGO convidado a ocupar o lugar de governador de sua terra natal — o Piauí, assumindo o governo a 26 de dezembro de 1889. Vários foram os melhoramentos que promoveu para sua terra, durante a sua rápida passagem pelo governo, que não citamos para não alongar este ensaio, a não ser a determinação para que fôsse explorada a foz do Parnaíba, ação de geógrafo.

Estêve afastado do Exército por se ter envolvido nos acontecimentos políticos do Amazonas, em 1892, e somente três anos depois, reverteu ao Exército. PRUDENTES DE MORAIS, reconhecendo os seus méritos de geógrafo eminente, deu-lhe então a chefia da Comissão de Limites com a Bolívia, na qual se defrontou com o então Cel. MANUEL PANDO, representante daquele país. Tratava-se de dar cumprimento ao tratado de Ayacucho, lavrado em 1867, durante a nossa guerra com o Paraguai e lesivo aos interesses do Brasil.

Ao tomar conhecimento da situação, compreendeu TAUMATURGO DE AZEVEDO, imediatamente, a sua responsabilidade para executar o referido tratado, que entregava à Bolívia, de mão beijada, enorme e rica extensão de terra ocupada por brasileiros. Não teve dúvidas por isso, em agitar a questão, dirigindo ao ministro das Relações Exteriores, general DIONÍSIO CERQUEIRA, o seguinte ofício:

"Manaus, 22 de julho de 1895 — Sr. Ministro — Em meu ofício n.º 3, de 27 de junho, acusando o recebimento do vosso despacho sob o n.º 2, de 17 de maio, vos disse que aguardava informações que havia solicitado do governador do estado para apresentar-vos ponderações de alto valor para os nossos direitos em relação aos limites da fronteira deste Estado com a República da Bolívia.

<sup>1</sup> FRAN. PACHECO. "Um homem de caráter". In "O Cruzeiro do Sul". Alto Juruá. N.º de 13 de maio de 1906.

O Tratado com a Bolívia, na parte referente aos limites do Madeira ao Javari, diz:  
 "Dêste rio (o Madeira) para oeste seguirá a fronteira por uma paralela tirada da sua margem esquerda na lat. S 10°20' até encontrar o rio Javari."

Por aí se vê, desde já, que se supunha ir o rio Javari além ou até o paralelo 10°20'; mas podendo dar-se a hipótese de estar a sua nascente principal em latitude mais baixa que a do referido paralelo, no mesmo art. 2.º do Tratado se previu o caso, declarando-se:

"Se o Javari tiver as suas nascentes ao Norte daquela linha leste-oeste (que é o paralelo 10°20') seguirá a fronteira desde a mesma latitude, por uma reta a buscar a origem principal do Javari."

Aceitar o marco do Peru como o último da Bolívia, devo informar-vos que o Amazonas irá perder a melhor zona do seu território, a mais rica e a mais produtora; porque, dirigindo-se a linha geodésica de 10°20' a 7°1'17",5 ela será muito inclinada para o norte, fazendo-nos perder o Alto Rio Purus, os principais afluentes do Juruá e talvez os do Jutá e do próprio Javari; rios que nos dão a maior porção de borracha exportada e extraída por brasileiros. A área dessa zona compreendida no triângulo A B C, a ser exato o esbôço que junto a êste passo às vossas mãos, é maior de 5 870 léguas quadradas. Tôda essa zona perderemos, aliás já explorada e povoada por nacionais e onde já existem centenas de barracas, propriedades legítimas e demarcadas e seringais cujos donos se acham de posse há alguns anos, sem reclamação da Bolívia, muitos com títulos provisórios, só esperando a demarcação para receber os definitivos."

Como se vê dêste officio, TAUMATURGO estava senhor do assunto. Em vez da paralela 10° 20' tirada da margem esquerda do rio Madeira para oeste, a linha geodésica, que ia procurar as nascentes do Javari, em virtude do artigo 2.º do Tratado de Ayacucho, inclinava-se para o norte, deixando de ser uma paralela, pois a origem principal do Javari estava a 7° 1' 17",5 e tôda essa rica região já povoada por brasileiros, teria que ser entregue à Bolívia. O coração do patriota estremeceu. Entre a execução do Tratado e a defesa de seus patricios, preferiu ficar com êstes. Demitiu-se, pois. E teve por si, a seu lado, o grande RUI BARBOSA e SERZEDELO CORREIA, travando acirrada polémica com DIONÍSIO CERQUEIRA, como se vê de seu livro "O Acre", publicado em 1901.

O assunto começou a ser debatido na imprensa e os acreanos começaram a preparar-se para a luta.

Devemos, portanto, reivindicar para TAUMATURGO DE AZEVEDO a prioridade do movimento em prol da incorporação do Acre ao Brasil. Foi êle o denunciador do Tratado, pois não quis endossar com a responsabilidade de seu nome a entrega de tão vasto e rico território a um país estrangeiro, muito embora a letra do Tratado o autorizasse a fazê-lo. Graças a êle a nação ficou alertada. E quando, em 1900, os acreanos lançaram seu brado de revolta em manifesto, transcreveram no frontispício dêsse manifesto as palavras do grande brasileiro, contidas no officio acima transcrito:

"Devo informar-vos de que a Amazônia irá perder a melhor zona de seu território, a mais rica e a mais produtiva, etc."

É escusado dizer que, desde o primeiro momento, o marechal TAUMATURGO DE AZEVEDO esteve, de coração, ao lado de seus patricios do Acre.

Intervindo o barão do RIO BRANCO na luta, mandando ocupar o território por forças do Exército e conseguindo, em 1903, o Tratado de Petrópolis, pelo qual aquela imensa e rica região ficava sob a soberania do Brasil, mediante algumas concessões, contou desde o primeiro instante com a colaboração de TAUMATURGO, a quem enviou para o Acre como administrador da Prefeitura do Alto Juruá.

Coincidência feliz: O Tratado de Petrópolis foi assinado a 17 de novembro de 1903, exatamente no dia em que TAUMATURGO DE AZEVEDO completava meio século de existência; e, assim, êle que fôra tão malsinado e até demitido da Comissão de Limites, recebia como presente de aniversário, o ajuste internacional que era a vitória de suas idéias.

Sobre a sua atividade no Acre, entre 1904 e 1905, basta citar alguns trechos de "A Tribuna" de 25-VIII-910.

"À atividade do general TAUMATURGO DE AZEVEDO, prefeito do departamento do Alto-Juruá, em 1905, deve-se inquestionavelmente o desenvolvimento de Cruzeiro do Sul e outros melhoramentos naquela parte do território do Acre.

Durante a administração do general TAUMATURGO DE AZEVEDO, além de muitos outros atos, salientam-se a construção do "Forum", da Biblioteca e a de escolas, da usina de electricidade, da Imprensa Oficial e a casa para os funcionários e para depósito de materiais da Prefeitura.

A administração do bravo general foi fértil, laboriosa e útil para o departamento do Alto-Juruá, apesar de grandes embaraços e das grandes dificuldades que surgem de todos os lados naquelas longínquas e abandonadas plagas.



*Guariso Thommátrio de Azevedo*

Ele fundou o Museu Acreano "para coligir e conservar, devidamente classificados, espécimes dos produtos naturais e industriais da região acreana, a fim de orientar e auxiliar os estudiosos no conhecimento da geologia, mineralogia e antropologia da Amazônia".

O enérgico ex-prefeito iniciou em Cruzeiro do Sul e suas circunscritões uma linha de tiro para exercitar seus habitantes no manejo das armas.

Ele criou duas vilas — uma no Tarauacá, denominada Andrada, em homenagem ao patriarca da Independência, e outra no Embira, sob o nome de Feijó, como preito ao braço forte da regência, abrindo naquela a Escola Amazônica e nesta a Escola Juruense.

O ex-prefeito elevou Cruzeiro do Sul à categoria de cidade, cuja planta, executada durante a sua proveitosa administração, é magnífica."

Inúmeros outros cargos de relêvo desempenhou o marechal TAUMATURGO DE AZEVEDO até o fim de sua longa e proveitosa vida, que se trancou a 23 de agosto de 1921.

Foi comandante da Polícia Militar do Distrito Federal; presidente da Cruz Vermelha Brasileira e da Sociedade Brasileira de Geografia e membro ilustre do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Incansável lidador, paladino da ciência, as atividades do marechal TAUMATURGO DE AZEVEDO na Sociedade Brasileira de Geografia desenvolveram-se durante mais de trinta anos, tornando-se com o perpassar do tempo um verdadeiro líder daquele sodalício. Proposto sócio a 18-11-1890, foi elevado após à categoria de benemérito, título que conquistou pela sua dedicação à Casa.

Com o desaparecimento do saudoso marquês DE PARANAGUÁ, passou, pouco depois, a dirigir a Sociedade, que presidiu de 13 de maio de 1914 a 30 de março de 1920.

Na sessão de 18 de setembro de 1890, especialmente convocado para o relato do doloroso acontecimento de que resultou o sacrifício do capitão ANTÔNIO LOURENÇO TELES PIRES e de outros vários companheiros, quando, por iniciativa da Sociedade Brasileira de Geografia, realizavam explorações em região desconhecida de Mato Grosso, coube ao então major TAUMATURGO DE AZEVEDO a tarefa de historiar os lances emocionantes da expedição TELES PIRES, fazendo o elogio póstumo deste.

Por escolha de PARANAGUÁ, foi nomeado presidente da Comissão Organizadora do 1.º Congresso Brasileiro de Geografia.

Em 7 de setembro de 1909, inaugurava-se na capital da República o aludido I Congresso Brasileiro de Geografia, sob a presidência do marquês DE PARANAGUÁ, com o qual se iniciou a série promovida pela Sociedade de Geografia. Graças aos esforços da Comissão Organizadora, presidida por TAUMATURGO DE AZEVEDO, contou êle com 557 adesões, tendo os respectivos trabalhos se prolongado até o dia 16 do referido mês de setembro. As 108 contribuições científicas apresentadas, constantes de memórias e teses, foram publicadas em 12 volumes. Simultaneamente ao certame, realizou-se uma exposição cartográfica, tendo atingido a 78 as contribuições especializadas presentes ao mesmo.

Coube a TAUMATURGO presidir, dez anos após, o VI Congresso Brasileiro de Geografia, realizado entre 7 e 16 de setembro de 1919, na cidade de Belo Horizonte. Contou êsse certame com 464 adesões tendo sido apresentados ao mesmo 60 memórias e teses científicas, publicadas nos Anais respectivos.

Foi sob a presidência de TAUMATURGO DE AZEVEDO que a Sociedade empreendeu a publicação da grande Geografia do Brasil, ou seja a contribuição que passou à bibliografia geográfica nacional com o título de "Geografia do Centenário", cujos 4 volumes iniciais foram editados, na data comemorativa do 1.º centenário da nossa Independência política quando êle já não mais existia.

Todavia, TAUMATURGO tomou parte ativa na Comissão encarregada de planificar a obra, acompanhando as medidas iniciais.

Prestou, também, relevantes serviços ao Instituto Histórico Brasileiro, que sempre o distinguiu como um dos seus mais ativos sócios. Por isso, na sessão magna comemorativa do 83.º aniversário daquele Instituto, levada a efeito em 21 de outubro de 1921, sob a presidência de EPITÁCIO PESSOA, na qualidade de presidente da República e de Honra do Instituto, o barão RAMIZ GALVÃO, fêz o elogio póstumo do general TAUMATURGO DE AZEVEDO, falecido dias antes, enaltecendo as suas qualidades, e declarando então:

"Tantos dotes intelectuais, cívicos e morais, não podiam deixar de ser reconhecidos pelo Instituto Histórico, o qual jubiloso o recebeu em suas fileiras a 17 de agosto de 1900 como sócio efetivo, e o promoveu em dias deste ano à classe dos beneméritos. Dêste convívio de vinte anos guarda a nossa Companhia grande saudade e gratíssima memória!"

Deixou-nos vários trabalhos de fundo histórico-geográfico e alguns mapas por êle levantados quando estêve no Acre. Foi, em suma, um grande e vero patriota, um brasileiro ilustre, um marechal ativo, inteligente e organizador, que não podia ser esquecido.

Ornavam o peito de TAUMATURGO DE AZEVEDO, ao morrer, as condecorações de comendador da ordem da Rosa, cavaleiro da de S. Bento de Aviz, medalha de 4.ª classe do Libertador Bolívar, e a de ouro de bons serviços ao Exército.

De PARANHOS ANTUNES